

ANAIS DO
VII SIMPÓSIO NACIONAL DOS PROFESSORES
UNIVERSITÁRIOS DE HISTÓRIA

Organizado pelo Prof. *Eurípedes Simões de Paula*

A CIDADE E A HISTÓRIA

VOLUME I

LV
Coleção da *Revista de História*
Sob a direção do Professor
Eurípedes Simões de Paula



SÃO PAULO — BRASIL
1974

UMA CIDADE PORTUÁRIA NOS MEADOS DO SÉCULO XIX (*).

CECÍLIA MARIA WESTPHALEN

da Universidade Federal do Paraná.

INTRODUÇÃO.

A presente Comunicação objetiva conhecer as estruturas geográficas, econômicas e sociais de uma das muitas ilhas que foram os pequenos portos do litoral brasileiro, porque não tiveram produtos de significação maior para o grande comércio exterior, como o foram o açúcar ou o café.

Será examinada a vida de uma pequena Vila do litoral sul, nos meados do século XIX, quando justamente vinha de ascender à cidade.

O seu gênero de vida, as transformações porque passava naquela conjuntura, podem ser observados graças principalmente ao relato de alguns viajantes (1) e cronistas (2) que deixaram documentos de excepcional qualidade, bem como de documentação existente no Departamento do Arquivo do Estado de São Paulo (3) e no Departamento do Arquivo Público do Estado do Paraná (4).

A povoação de Nossa Senhora do Rosário de Paranaguá, cujas origens remontam ao final do século XVI, foi ereta Vila em 1648, mas somente elevada à cidade dois séculos mais tarde, em 1842,

(*). — Comunicação apresentada na 3ª sessão de estudos, Equipe B, no dia 4 de setembro de 1973 (*Nota da Redação*).

(1). — SAINT-HILAIRE (Auguste de), *Viagem à Comarca de Curitiba* (1820). São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1964.

(2). — VIEIRA DOS SANTOS (Antônio), *Memória histórica da cidade de Paranaguá e seu Município*, 1850. Curitiba, Ed. Museu Paranaense, 1952.

(3). — Série T. I. — Paranaguá — Ofícios Diversos, e Série T. I. — Paranaguá População.

(4) — Série Correspondência dos Presidentes da Província-Ofícios.

em decorrência do movimento marítimo e comercial propiciado pelo comércio exportador de erva-mate que se estabelecera com o Rio da Prata e o Chile, a partir da década de 1820.

Nessa época, embora sem atividades econômicas de expressão, mas pela continuidade da administração colonial que garantira estabilidade à vida local, como também pela continuidade de um escasso comércio de farinhas de mandioca, a vila de Paranaguá já se encontrava bastante organizada.

Em 1820 possuía ruas bem definidas, largas e alinhadas que corriam paralelamente ao rio Taguaré próximo de cuja foz encontrava-se o porto. Eram cortadas, de modo ordenado, em sentido transversal, por outras menores. Um século antes, o Ouvidor Pardinho deixara provimentos explícitos acerca da disposição das ruas e da construção das casas (5). Quando da visita de Saint-Hilaire, Paranaguá ainda não dispunha de praças públicas, mas seus edifícios eram dignos de nota:

“Quando se chega do interior, onde as casas das vilas e cidades são inteiramente feitas de pau a pique, e entra-se em Paranaguá, fica-se surpreendido em verificar que todas as casas e todos os edifícios públicos são construídos de pedra” (6).

Destacavam-se a Casa da Câmara, de um andar, espaçosa, e o prédio do antigo Colégio dos Jesuítas, edificado nos meados do século XVIII, mas de construção inacabada. O viajante observa que os padres da Companhia não lhe haviam dado os mesmos cuidados que deram aos demais na Colônia, considerando-o

“enorme, muito feio e irregular” (7).

É certo, porém, que os poucos recursos, e sempre alegados, dos moradores de Paranaguá, bem como a saída dos Padres, não haviam possibilitado acabamento final ao Colégio. Era, contudo, o edifício que, pelas suas dimensões e arquitetura, dominava a paisagem da Vila.

A Igreja Matriz, dedicada à Nossa Senhora do Rosário, também impressionava, sendo

(5). — Provimentos de Paranaguá deixados, para o governo d'essa Vila pelo Ouvidor Geral da capitania de São Paulo — Raphael Pires Pardinho, na correição de 1721. In: *Documentos para a história do Paraná*, publicados por Moysés Marcondes. Rio de Janeiro, Typ. do Anuario do Brasil, 1923.

(6). — Saint-Hilaire, Auguste de. *Op. cit.*, p. 156.

(7). — *Idem*, p. 156.

“mais larga que a maior parte das que até então eu vira no Brasil” (8).

Duas outras existiam, a da Orlem Terceira e a de São Benedito, construções do século XVIII.

A pequena Vila, embora o frio tratamento que lhe fora dispensado pelo Capitão-Mor, agradava ao visitante,

“certamente é esta cidadezinha uma das mais belas por mim visitadas desde que me achava no Brasil” (9).

Contudo, o clima não era bom. No início do outono fazia calor como no Rio de Janeiro. Os terrenos lodosos junto ao rio e ao mar eram insalúbres, pairando na Vila

“um cheiro insuportavel de vasa” (10).

Em consequência, os seus moradores não apresentavam aspecto saudavel, fazendo-se notar pela cor amarelada, própria das febres litorâneas.

O calor, a insalubridade, davam um certo ar de indolência aos habitantes de Paranaguá. Mesmo os comerciantes que constituíam “a primeira classe da sociedade” local, alimentando-se melhor, não escapavam aos seus efeitos,

“pois, os vemos indolentemente debruçados sobre o balcão de seus estabelecimentos, esperando que apareça algum freguês...” (11).

Não havia realmente um comércio animado. A produção da vila de Paranaguá estava restrita a alguns gêneros de subsistência, principalmente a farinha de mandioca, milho, feijão e peixe.

Desde 1780 produzia também algum arroz, mas era destinado exclusivamente à exportação. Esta repousava ainda sobre as madeiras do litoral e peças de betas.

“Exporta-se daqui em sumacas, farinha, arroz, café, e outras mercâncias como trigo, que desce de Curitiba” (12).

(8). — *Idem*, p. 156.

(9). — *Idem*, p. 160.

(10). — *Idem*, p. 160.

(11). — *Idem*, p. 160.

(12). — CASAL (Aires de), *Corografia brasileira*. Rio de Janeiro, Instituto Nacional do Livro, 1945. tomo I, p. 227. Facsimile da edição de 1817.

Tudo, porem, em pequena escala. Existiam

“muitas vendas e lojas bem sortidas” (13),

realizada a importação do Rio de Janeiro. Mas a Vila não tinha condições para a manutenção de um ativo comércio exterior. Foi somente com a abertura do porto de Paranaguá para o comércio com o Rio da Prata, e com o estabelecimento regular e contínuo das exportações de erva-mate, que suas feições mudariam.

*

ESTRUTURAS GEOGRÁFICAS.

O porto:

Nos meados do século, o porto de Paranaguá estava ainda à margem esquerda do rio Taguaré, e próximo à sua foz. O rio, porem, vinha areando bastante, de modo a obrigar o recuo paulatino das operações de ancoragem em direção à foz.

O aumento do comércio exportador fizera necessária a ampliação do pequeno cais, construído na segunda metade do século XVIII.

Um dos grandes comerciantes exportadores de erva-mate, Dom Isaias d'Elia, em 1846, solicitara às autoridades provinciais, autorização para construir um novo cais de 15 braças. Consultada a Câmara Municipal, esta responde afirmativamente, dizendo que a nova parte deveria ser construída pelo alinhamento onde já se haviam feito 17 palmos (14). Em 1849, tratava-se da edificação de outro cais, em seguimento ao de Dom Isaias, e até aquele de Manuel Antônio Guimarães. Em janeiro de 1850 estava concluída a obra, e em julho novo prolongamento era decidido em vereança, desde o cais de Dom Isaias até o de Manuel Francisco Correia. Estas referências indicam que proprietários particulares procediam obras de melhoramento no porto, exigidas pela maior movimentação do comércio.

Desde 1827, a Alfândega de Paranaguá fora instalada no Colégio dos Jesuitas. Nas imediações deste, também junto ao rio,

(13). — SAINT-HILAIRE (Auguste), *Op. cit.*, p. 157.

(14). — Departamento do Arquivo do Estado de São Paulo — Série T. I. — Paranaguá — Offícios diversos — Caixa nº 347.

estava o Mercado. Nas suas proximidades, em 1846, foram construídos um trapiche e um armazem para a guarda de cargas.

A rua que corria ao longo da margem esquerda do rio era, assim, marginada pelo cais de pedra, e fronteiros a este, em arruamento de casas miudas e de alguns sobrados, estavam os armazens de gêneros diversos, bem como os estaleiros, onde foram construídas várias embarcações ou eram reparadas aquelas que aportavam em Paranaguá.

A maior movimentação comercial do porto impusera a ampliação do cais. Mas, o entulhamento do rio era grave, impedindo que as embarcações de maior calado pudessem subir e chegar ao trapiche próximo da Alfândega. Os jornais diziam, em 1855, que os navios maiores eram obrigados a fundear no ancoradouro da ilha da Cotinga, distante da cidade cerca de uma milha. Somente em lastro podiam aproximar-se da cidade. Da ilha, até a Alfândega, os carregamentos eram realizados em lanchas e canoas, com notórios prejuízos do fisco e dificuldades de transporte (15). A situação é logo denunciada nos próprios relatórios oficiais. O Presidente da Província alertava, em 1864, que a diminuição do fundo do ancoradouro da cidade, era particularmente grave entre o cais da praça do Mercado e a Alfândega (16). Pouco mais de 40 anos da sua abertura ao comércio exterior, o antigo ancoradouro do rio Taguaré deixava de ser frequentado pelas embarcações e impunha-se a construção de um novo porto. O Inspetor da Alfândega de Paranaguá desde 1862 propunha transferir sua repartição para local mais apropriado (17). No final dessa década, já estava fixado o local para o novo porto, agora dentro da baía, junto ao mar, no lugar de há muito denominado de porto d'Água, ou porto do Gato, logo designado porto Dom Pedro II.

Alem dos problemas do entulhamento do seu ancoradouro, Paranaguá a partir dessa década enfrentará dois novos obstáculos, a evasão das ervas paranaenses pelo porto de São Francisco, e a concorrência do porto de Antonina, com a conclusão da estrada da Graçiosa.

(15). — Correio Mercantil, republicado pelo *Dezenove de Dezembro*. Rio de Janeiro, 2 (11), 1855.

(16). — SILVA (Sebastião Gonçalves da), *Relatório apresentado à Assembléa Legislativa Provincial*, p. 31, 1864.

(17). — NOGUEIRA (Antônio Barbosa Gomes), *Relatório apresentado à Assembléa Legislativa Provincial*, p. 38, 1862.

O quadro urbano:

A cidade de Paranaguá estava estruturada em 1850 numa rede de 10 ruas principais e 8 travessas. Nem todas eram calçadas de pedra, porem não enlameadas por ocasião das chuvas, em virtude do terreno de saibro duro, por onde facilmente escoavam as águas.

O quadro urbano estava dividido em 4 quarteirões, um do Norte, dois do Centro e um do Sul, compreendendo 423 casas habitadas, sendo 48 casas de sobrado. O cronista observa o progresso das construções referindo que em 1810 existiam apenas 12 casas de sobrado (18).

As ruas corriam paralelamente ao rio da Vila, quase em meia lua, de norte a sul, sendo cortadas pelas travessas perpendiculares ao rio, de leste a oeste.

A rua da Praia, junto ao Taguaré era a mais movimentada. Nela, para o lado da foz, estavam os edifícios dos estaleiros de Ricardo Carneiro dos Santos, José de Souza Guimarães, Manuel Francisco Correia. Além do antigo Colégio dos Jesuítas, situado na outra extremidade, possuía 7 casas de sobrado, destacando-se aquelas de Manuel Francisco Correia, e Manuel Antônio Guimarães. Num arruamento de casas unidas contava com inúmeras lojas e boticas de diferentes gêneros (19).

A rua da Cadeia e da Ordem eram as que contavam com maior número de casas de sobrado, algumas com sacadas de ferro, janelas envidraçadas, obras de cantaria, e ornadas com madeiras preciosas. Os sobrados eram 17, e neles residiam, entre outros, Hipólito José Alves, a casa de

“melhor perspectiva da cidade, tanto pelo seu local como por ser feita ao gosto moderno”,

João Antônio dos Santos, cujo sobrado destacava-se pelas sacadas de ferro, e José Ricardo dos Santos, sobrado considerado pelos contemporâneos como um “magnífico palacete”, e admirado pelo bom gosto dos seus ornamentos em pedra e madeiras. Nesta rua estavam situadas a Casa da Câmara, a antiga Casa da Fundição do Ouro, e a igreja da Ordem Terceira de São Francisco. Ao que tudo indica era, em 1850, a rua de maior movimento comercial, com ar-

(18). — VIEIRA DOS SANTOS (Antônio), *Op. cit.* p. 13.

(19). — *Idem*, p. 13.

mazens de depósitos de carregamentos de embarcações, lojas de fazendas, armazens de molhados, boticas, vendas, lojas de alfaiates, sapateiros e tamarqueiros.

A rua do Ouvidor, cortando o meio da cidade, iniciava junto a uma das fontes e terminava nos fundos da igreja da Ordem. Com muitas casas, era quase fechada. Negócios de fazendas secas, armazens e tabernas. Destacavam-se 4 casas de sobrado e a casa do Teatro Philodramático Paranaguense, e a capelinha do Senhor Bom Jesus.

A rua Direita, saindo do lado da Matriz, contava com 6 casas de sobrado, sendo 2 de propriedade de Joaquim Américo Guimarães, cuja residência era tida como a mais nobre e bela da cidade, com grades de ferro e janelas envidraçadas.

Devem ainda ser referidas a rua da Gamboa, a mais larga de Paranaguá, principiando no largo da igreja da Matriz, e finalizando em frente à igreja de São Benedito. Nela estava localizada a principal fonte de água de beber da cidade, edificada em cantaria, lançando água por três bicas, bem como 6 casas de sobrado. E a rua da Matriz que foi uma das primeiras construídas na cidade, segundo as instruções deixadas pelo Ouvidor Pardinho, com uma bela casa de sobrado com grades de ferro. Por último, a rua do Fogo que parece ter sido a mais antiga, e outrora mais frequentada pelo comércio.

Das travessas, as mais importantes eram as do Rosário, com 3 casas de sobrado, do Bom Jesus com 2 casas de sobrado, e da Conceição com 3 casas de sobrado.

A cidade contava ainda com 3 largos, o do Arsenal, do Estaleiro, e do Pelourinho. Neste último, o maior de todos, erguia-se o poste do pelourinho, feito de pedra, colocado sobre 4 degraus também de pedra, e encimado pelo cutelo da justiça, feito em bronze.

A saída principal da cidade, rumo ao interior, era constituída pelo prolongamento da rua da Gamboa, onde, na altura do Campo Grande, principiava a Estrada Geral que rumo a Morretes, ia encontrar-se com a Estrada do Arraial, para Curitiba.

A cidade, em 1850, era iluminada por 36 grandes lampiões, instalados desde 1844, sendo 6 na rua da Praia, 8 na rua da Cadeia e da Ordem, 7 na rua do Ouvidor, 5 na rua Direita, 4 na rua da Gamboa, e 6 na rua da Misericórdia. Em geral estavam localizados no canto ou defronte a casas de sobrado pertencentes a altos dignatários da cidade, ou de edifícios públicos. É certo que, em 1854, o

Presidente da Província notava que não havia iluminação pública em Paranaguá por falta de recursos, e que eram acesos 4 ou pouco mais lampiões, na Cadeia e Alfândega (20).

A Câmara Municipal de Paranaguá, aliás, nessa ocasião pleiteava das novas autoridades provinciais, o esgoto das águas estagnadas nas vizinhanças da cidade, a construção da praça do Mercado, bem como de um Matadouro que propiciasse fornecimento regular de carnes à população.

*

ESTRUTURAS ECONÔMICAS E SOCIAIS.

Produção e comércio:

O município de Paranaguá, nos meados do século, produzia aguardente, arroz, café, farinha de mandioca, feijão, milho, peixe seco, cal, taboados, vigas, peças de embé e canoas. Eram, em geral, gêneros de consumo na própria cidade, exceto o arroz pilado e as madeiras que tinham mercado inclusive no Rio da Prata. Era grande a produção do arroz, existindo em Paranaguá, em 1852, 12 engenhos de pilar. O arroz representava, em valor, o segundo produto da exportação paranaense, seguido pelas madeiras do litoral.

O comércio de trânsito era, contudo, o mais animado e importante, com as exportações de erva-mate, vinda do planalto curitibano, e dirigida aos portos platinos e ao Chile.

A importação da cidade compreendia açúcar, fumo, fazendas, ferragens, sal, carne seca, farinha, sendo procedente dos portos do Rio da Prata, Rio de Janeiro, Santa Catarina e Santos. No comércio de trânsito, a importação visava o abastecimento de Curitiba, e das Vilas do interior, sobretudo de fazendas e sal.

Grandes proprietários e comerciantes:

Em 1850, a cidade de Paranaguá no seu distrito urbano contava com 551 fogos, e 1916 moradores. Havia escravos e homens livres. Porém, as propriedades, sobretudo as casas de sobrado, estavam concentradas em mãos de alguns poucos moradores, em geral comerciantes. Assim, Manuel Francisco Correia possuía mais de 10% das casas edificadas da cidade, no total de 58, sendo 46 térreas

(20). — GOES E VASCONCELLOS (Zacarias de), *Relatórios do Presidente da Província do Paraná à Assembléia Legislativa Provincial*. Curitiba, 1854. p. 48.

e 12 sobrados, enquanto que o seu filho, Manuel Francisco Correia Junior, possuía 10 casas térreas e 3 sobrados. O antigo Capitão-Mor, Manuel Antônio Pereira, era proprietário de um sobrado e de 22 casas térreas. Os irmãos Manuel Antônio Guimarães e Joaquim Américo Guimarães eram também proprietários de muitas casas e sobrados, de tal maneira que pode estimar-se que, um terço das casas construídas em Paranaguá, pertenciam a estes 5 grandes proprietários. Eram eles justamente os principais comerciantes da cidade, controladores do comércio interno, redistribuidores das importações, e senhores da exportação da erva-mate que dominava a pauta das exportações paranaenses. Além de suas propriedades urbanas, possuíam sítios e fazendas de plantações no interior do Município.

Manuel Francisco Correia, negociante de grosso trato, era o proprietário de 2 grandes fazendas, sendo o senhor de mais de 50 escravos, possuindo engenhos de arroz, aguardente e farinha de mandioca, e olarias. Possuía ainda diversas embarcações que operavam no comércio interno e externo. Manuel Antônio Guimarães também senhor de mais de 50 escravos, proprietário de várias embarcações, consignatário de outras, possuía fazendas de plantações e engenhos de arroz e farinha de mandioca. Joaquim Américo Guimarães era matriculado na Junta de Comércio do Rio de Janeiro, proprietário e consignatário de embarcações, possuidor de muitas terras. Manuel Correia Junior era grande proprietário em Paranaguá, bem como na Vila de Morretes. Manuel Antônio Pereira, além da casa do Trapiche no porto, possuía a fazenda da Boa Vista, com uma légua de sesmaria, a fazenda das Palmeiras, engenhos de arroz, aguardente, cana, farinha de mandioca, e olarias. Era senhor de mais de 60 escravos e conhecido pelos dotes que deu aos filhos, de 50 contos de réis.

Eram também os dignatários da cidade. Manuel Francisco Correia foi portador do hábito da Ordem de Cristo, bem como daquele da Imperial Ordem do Cruzeiro. Seu filho, Manuel Francisco Correia Junior, o primeiro Comendador de Paranaguá, recebeu a comenda da Ordem de Cristo. Manuel Antônio Pereira foi agraciado com o hábito da Ordem de Cristo. Manuel Antônio Guimarães foi comendador da Ordem de Cristo, bem como da Ordem da Rosa, mais tarde, Barão e Visconde de Nacar. Joaquim Américo Guimarães foi também portador do hábito da Ordem de Cristo e comendador da Ordem da Rosa .

Irmandades e Confrarias:

Nos meados do século existiam na Igreja Matriz, as Irmandades do Santíssimo Sacramento, de Nossa Senhora do Rosário dos Brancos, a de São Miguel Arcanjo e a de Santo Antônio. As primeiras eram antigas, datando talvez do final do século XVII e com existência contínua desde o início do século XVIII. A Irmandade do Santíssimo Sacramento era a mais importante e congregava os grandes da cidade. Manuel Antônio Pereira, Joaquim Américo Guimarães foram seus provedores. A Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Brancos era proprietária de 5 casas térreas, de ricas alfaias em ouro e prata, além de imagens e ornamentos. A Irmandade do Arcanjo São Miguel das Almas, também do início do século XVIII, era irmandade pobre, por ter poucos irmãos. A de Santo Antônio, dos princípios do século XIX, era a mais pobre e de menor número de irmãos.

A Ordem Terceira de São Francisco das Chagas era a mantenedora da igreja de São Francisco, construída de 1770 a 1784, porém data do início do século XVIII. Proprietária de 3 casas térreas, era possuidora de alfaias de prata e ornamentos. A capela do Senhor Bom Jesus dos Perdões abrigou nos primeiros tempos a Ordem Terceira, porém nos meados do século XIX, sob a proteção do Comendador Manuel Francisco Correia Junior, abrigava a Irmandade da Santa Casa de Misericórdia, criada em 1836, sob a invocação da Virgem Santíssima da Conceição. Esta Irmandade construiu e mantinha o Hospital da Santa Casa de Misericórdia.

Finalmente, junto à Igreja de São Benedito existia a Irmandade de São Benedito, que se originara da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos, outrora existente na Igreja Matriz.

Costumes:

O cronista Vieira dos Santos registra em 1850 que, em virtude do comércio que se estabelecera regular no porto de Paranaguá, propiciando a presença de muitos estrangeiros, vindos de países mais adiantados, muito se haviam mudado os costumes e o gênio dos moradores da cidade. Assim, além da urbanidade, hospitalidade e mesmo jovialidade, devia-se notar-se o bom gosto e o asseio dos habitantes de Paranaguá. Muitas das suas casas eram mobiliadas como aquelas da Corte.

“Até mesmo as formosas damas paranaguenses tem realçado mais a formosura do seu belo sexo, com os costumes da modas, e os adornos do grande luxo europeu” (21).

As moças são desembaraçadas nos atos públicos, nos seus passeios pisam airoosamente. Tudo mudara nos últimos 50 anos, porque antes as mulheres só olhavam para as ruas através de estreitas gelosias, saindo apenas para ir à igreja, e mesmo assim “rebuçadas em baetas”, e envergonhando-se à vista dos homens (22). Muitas agora tocam o piano, rapazes a flauta, o violão e a rebeca. Haviam, além de 2 classes de primeiras letras para meninos, e de 1 classe para meninas, um colégio para meninas pensionistas, mantido pelas norte-americanas Jessica e Willie James, e uma escola de latinidade. Francês e Inglês eram conhecidos por alguns e falados corretamente.

Nessa conjuntura, começam a surgir, justamente em Paranaguá, os primeiros nomes da literatura e da arte paranaense. Iria Correia estuda o desenho com Jessica e Willie James, e Fernando Amaro de Miranda compõe os seus versos.

Para o entretenimento dos seus moradores, havia em Paranaguá, um Teatro Philodramático e uma Casa do Baile da Amizade.

*

ESTRUTURAS POLÍTICAS

Os Partidos:

Ao ser criada a Província do Paraná, os cidadãos de Paranaguá estavam radicalmente divididos entre *luzias* e *saquaremas*, ou num partido chamado Liberal e outro da Ordem. A situação era difícil, com a sociedade local dilacerada por intrigas e inimizades, tanto que, pelas dissensões políticas, não mais podiam conviver nos bailes e no teatro. Era, aliás, a situação de toda a Província, e desejava o Presidente harmonizar os ânimos e proscrever os nomes de *farrapo* e *casculo* que um partido aplicava ao outro por escárnio.

O partido da Ordem abrigava os grandes comerciantes de Paranaguá, assim Manuel Antônio Guimarães que por mais de 30 anos foi o chefe incontestável do Partido Conservador no Paraná, havendo exercido os mais altos cargos públicos e chegado mesmo à Presidência da Província.

(21). — VIEIRA DOS SANTOS (Antônio), *Op cit.*, p. 11.

(22). — *Idem*, p. 11.

A oligarquia conservadora dos comerciantes de Paranaguá exercia o seu poder através da burocracia da cidade.

A administração:

Os partidos políticos no poder dominavam pela burocracia administrativa, judiciária, fazendária, ocupando enfim todos os cargos e funções públicas .

Em Paranaguá, pelo constante predomínio dos conservadores, a administração pública esteve quase sempre em suas mãos. Prefeito, Delegado de Polícia, Juiz Municipal, e de Orfãos, Juizes de Paz, Inspetor da Alfândega, pertenciam à oligarquia dominante.

*

CONCLUSÃO.

Do exposto conclui-se que, graças ao comércio de trânsito da erva-mate, exportada através do seu porto, estruturou-se em Paranaguá uma civilização urbana, onde a hierarquia se fundava nos lucros do comércio. Porém, nos meados do século XIX, não se estruturada ainda uma mentalidade burguesa caracterizada pelo investimento, pois que as evidências indicam que os grandes comerciantes de Paranaguá preferiam viver de rendas oriundas dos alugueres de imóveis.

* *

*

INTERVENÇÕES.

Do Prof. *Diores Santos Abreu* (FAFI. Presidente Prudente. SP).

Pergunta:

“Com o desenvolvimento urbano de Paranaguá, a partir dos meados do século XIX e com sua posição de mais importante porto da Província, Paranaguá não disputou a hegemonia política com a capital — Curitiba?”

*

Da Prof.^a *Antônia Fernanda de Almeida Wright* (FFLCH/USP).

Pergunta:

“A ida de Zacarias alterou este empuxo desenvolvimentista de Paranaguá?”

*

Do Prof. *Roberto Machado Carvalho* (FAFI. Moema. FAFI. N.S. Patrocínio. Itú. SP).

Pergunta:

“A Autora notou influência de rivalidades entre as Irmandades religiosas na vida de Paranaguá, no sentido de transforma-la?

Poderia a Autora definir melhor os Partidos da Ordem e Liberal quanto a programas políticos?”

*

Da Prof.^a *Alice Piffer Canabrava* (FCEA/USP).

Disse:

“A menção da Autora no final da sua comunicação ao fato de que os comerciantes viviam de rendas, em Paranaguá, quando já se desenvolvera uma hierarquia social à base da atividade comercial, significaria que concomitantemente estabeleceu-se, pelo consenso, o preconceito contra o trabalho manual, como uma das caracterizações exteriores de apanágio de classe?”

* *

*

RESPOSTAS DA PROFESSORA CECÍLIA MARIA WESPHALEN.

Ao Prof. *Diores Santos Abreu*.

Respondeu:

“As primeiras manifestações em favor da emancipação político-administrativa da Comarca partiram justamente da Câmara Municipal de Paranaguá, em 1811. Ora, por esse tempo ainda não se abriu o porto de Paranaguá ao comércio exterior, enquanto que o comércio interno, de trânsito do gado, fizera com que a Vila de Curitiba ganhasse em expressão. Assim, em 1812 a Comarca de Paranaguá passa a denominar-se Comarca de Paranaguá e Curitiba, com sede nesta última.

Em 1821, novamente os parnaguaras tentaram, sem êxito, a separação. Na década 1840 quando se reacende a luta pela emancipação, ela não é apenas de Paranaguá, mas de todas as vilas. Em 1853 enfim, foram fatores condicionantes de ordem diversa, que não cabe aqui analisar, que realizaram a criação da nova Província do Paraná. É certo que, sobretudo, Paranaguá e Curitiba disputaram a primazia da Capital. Curitiba, porem, saiu vitoriosa por várias razões, desde ordem geográfica, até aquelas políticas. O primeiro presidente, Zacarias de Goes e Vasconcellos, que instalou a Província, e orientou as conversações em torno da fixação da Capital.

alçara-se aos *liberais* do planalto curitibano, em oposição aos *conservadores*, grandes comerciantes de Paranaguá.”

*

À Prof.^a *Antônia Fernanda de Almeida Wright*.

Respondeu:

“Realmente, nessa conjuntura, a ação política de Zacarias, inimigo ferrenho dos conservadores paranaenses que tinham seus grandes chefes nos comerciantes de Paranaguá, em muito freiou o desenvolvimento de Paranaguá, haja vista a deliberada preferência que deu ao porto de Antonina.”

*

Ao Prof. *Roberto Machado Carvalho*.

Respondeu:

“As duas grandes e mais ricas Irmandades foram as do Santíssimo Sacramento e a de Nossa Senhora do Rosário dos Brancos. Na primeira achavam-se os grandes comerciantes, proprietários e dignatários da cidade. Inclusive nos atos religiosos, os irmãos do Santíssimo Sacramento tinham lugar de preferência. Não encontrei ainda evidência de rivalidade, porem de nítida superioridade da primeira.

O partido da Ordem era o partido Conservador, e o partido Liberal, o próprio partido Liberal, enfim os dois grandes partidos do Império, e as facções do Paraná em tudo seguiam a orientação política dos mesmos.

*

À Prof.^a *Alice Piffer Canabrava*.

Respondeu:

“Todas as evidências são neste sentido. Saint-Hilaire, em 1820, ainda se refere aos comerciantes debruçados atrás dos balcões à espera dos fregueses. Nos meados do século, os grandes comerciantes já não o fazem, valendo-se do concurso de outrem, quase sempre um parente. De outro lado, lembro que tais comerciantes eram proprietários de grande escravaria, grande, é certo, para o caso paranaense, cerca de 50 a 60 escravos.”